

## As concepções de vontade sob o horizonte da vida: Convergências e divergências entre Schopenhauer e Nietzsche

Matheus Vinícius de Lima Lemos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este escrito discute duas concepções filosóficas, a saber, Vontade e vontade de potência, tomando como base teórica algumas das obras de Schopenhauer, tais como: *O Mundo como Vontade e Representação* (1819), e as obras de Nietzsche, sendo uma delas *Crepúsculo dos Ídolos* (1888). Nesse debate, também são apresentadas interpretações feitas por comentadores de ambos os filósofos. Nas análises, desenvolvemos uma reflexão sobre a influência do princípio schopenhaueriano, a vontade, para o surgimento da concepção nietzschiana de Vontade de potência, de maneira que buscamos evidenciar nos argumentos dos respectivos filósofos a presença das noções de unidade e multiplicidade, como pressupostos para a constituição dos conceitos de vontade. Nesse sentido, refletimos os conceitos propostos para além da apreensão conceitual, na medida em que os remetemos à reflexão sob o horizonte da vida, destacando suas condições intrínsecas, a saber, o instinto, as paixões, os afetos, os desejos, os infortúnios e a alegria trágica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Schopenhauer. Nietzsche. Vontade. Pessimismo. Representação.

### INTRODUÇÃO

De início, na primeira metade deste escrito, na seção intitulada “A Teoria do Conhecimento de Schopenhauer”, é apresentado como o referido pensador fundamenta sua filosofia, baseando-se no pressuposto de que o mundo, assim como o ser humano inserido nele, se tratam de determinações da Vontade. Em tal momento também é elucidado as características intrínsecas do conceito “Vontade”, sendo indeterminado, imanente e irracional. Ademais, na seção intitulada “A Vontade e as Dores do Mundo”, apresenta-se as implicações desse conceito no âmbito prático da vida, destacando o modo como Schopenhauer a interpretava diante das adversidades.

Na segunda metade deste escrito, na seção nomeada “A Influência de Schopenhauer no Jovem Nietzsche”, é apresentado o encontro de Friedrich com o autor de *O Mundo como Vontade e Representação* (1818), obra de suma importância para a construção filosófica de Nietzsche. Além do mais, é apresentado como este pensador achou em Schopenhauer uma imagem que lhe servisse de guia. Adiante, na seção chamada “A ruptura de Nietzsche ao Pensamento de Schopenhauer”, é explicitado os motivos pelos quais Nietzsche tivera se afastado do pensamento de seu antigo mestre.

Na seção intitulada “Uma Nova Concepção de Vontade”, é demonstrado que o maduro Nietzsche - muito embora tenha rompido com a filosofia de Schopenhauer - ainda sim tivera

---

<sup>1</sup> Graduado em filosofia (licenciatura), pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Matheuslemosfilosofia@gmail.com.

sido influenciado por este pensador, quando construiu a noção de “vontade de potência”. Em seguida, na última parte, intitulada “A Vontade de Potência como Afirmção da Vida”, é apresentado o modo como Nietzsche encarou a vida, dando ao sofrimento um sentido artístico.

## 1 A TEORIA DO CONHECIMENTO DE SCHOPENHAUER

A filosofia de Arthur Schopenhauer apresenta ao leitor uma concepção de mundo fundamentada em um princípio ontológico, designado como Vontade, que é entendida por Schopenhauer como essência íntima do mundo que deseja afirmar-se a partir de suas múltiplas representações. O mundo, na filosofia de Schopenhauer, assume o papel de objeto passível de apreensão e representação por parte do sujeito, tornando possível a produção do conhecimento. Desta maneira, o pensamento de Schopenhauer estabelece uma condição intrínseca entre objeto e sujeito, onde aquele assume a importância de ser conhecido e o sujeito em conhecê-lo; pois, “se, como representação, o mundo existe apenas pelo o entendimento, ele também só existe para o entendimento.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 18-19).

Ao se deparar com o pensamento de Schopenhauer, na obra *O mundo como Vontade e Representação* (1818), o leitor pode perceber, até certo ponto, uma influência da filosofia de Immanuel Kant, filósofo este que investigou e refletiu sobre as possibilidades do conhecimento, chegando à ideia que distingue a concepção de “a coisa-em-si” - representando uma essência que regeria o mundo -, e o fenômeno, aquilo que se revela, empiricamente, às percepções dos sentidos humanos. Schopenhauer, de modo parecido, fez a distinção entre o que seria “a coisa em si” e o fenômeno, cujas nomenclaturas, em sua filosofia, são transfiguradas para “Vontade” e “representação”<sup>2</sup>.

No pensamento schopenhaueriano há dois tipos de representações, que são as empíricas e abstratas. A primeira diz respeito ao contato que o sujeito tem com aquilo que se mostra para ele, mediante os sentidos do corpo. Este tipo de representação é chamado determinações, manifestações ou objetivações imediatas da Vontade; pois o corpo é a primeira representação da Vontade, que se desenvolve através da percepção dos sentidos. (MONTEIRO, 2014, p. 14). Ademais, tratando-se das representações abstratas, o sujeito, ao receber os dados da empiria,

2 No entanto, há um contraste no pensamento de ambos os filósofos, pois, “enquanto Kant enfoca a inacessibilidade da coisa-em-si, Schopenhauer aborda uma visão metafísica dessa essência, ou seja, ele trata de uma Metafísica da Vontade, e essa Vontade se expressa através de suas múltiplas representações percebidas pelo sujeito. A coisa em si kantiana pode ser representada por um X, algo incognoscível; para Schopenhauer, a Vontade, enquanto coisa-em-si, pode ser conhecida através de representações enquanto ideias.” (MONTEIRO, 2014, p. 13).

que afeta sua estrutura cerebral, torna possível a produção do entendimento enquanto ideias<sup>3</sup>. Neste caso, a representação abstrata é tida como representação da representação<sup>4</sup>.

Mesmo que as representações abstratas - caracterizadas pela atividade racional - sejam apresentadas como última etapa para a construção do conhecimento, elas ainda seriam subservientes ao princípio da Vontade, pois: "A vontade é a substância íntima, o núcleo tanto de toda coisa particular, como do conjunto; é ela que se manifesta na força natural cega; ela encontra-se na conduta racional do homem; se as duas diferem tão profundamente, é em grau e não em essência." (SCHOPENHAUER, 2001, p. 119).

Conforme as descrições elencadas, pode-se chegar à afirmação de que o princípio schopenhaueriano - a Vontade - está presente em tudo na natureza, seja no âmbito orgânico ou inorgânico, sendo entendido como indeterminado, que não se encontra na transcendência está na pura imanência, permeando tudo que existe enquanto representação, de modo que o mundo, assim como o próprio indivíduo, nesse sentido de pensamento, seriam objetivações dessa essência íntima, designada por Schopenhauer como "Vontade".

## 1.1 A VONTADE E AS DORES DO MUNDO

Por conseguinte, faz-se crucial refletir a relação entre o ser humano com a vida, levando em consideração a filosofia Schopenhaueriana, que sustenta a ideia de haver um princípio ontológico que tudo permeia, nomeado "Vontade". O ser humano, conforme a leitura de Schopenhauer indica não é estritamente distinto do animal puramente instintivo, muito embora aquele possua a capacidade de simbolizar as coisas por meio de conceitos, a semelhança com os animais inteiramente instintivos se dá por ambos estarem submetidos à Vontade, assim como suas diversas manifestações, por exemplo, o desejo.

Na filosofia de Schopenhauer, o homem aparece como um ser que carrega o fardo da consciência do sofrimento, quando se dá conta de que é incompleto e, por este motivo, estaria sempre em busca de algo que lhe suprimisse uma lacuna que lhe parece intrínseca. A busca por saciedade, por conseguinte, torna-se incessante. Desse modo, levando em consideração a circunstância na qual o indivíduo está submisso, Schopenhauer passou a representar esta vida como atravessada pela dor. A respeito da incessante busca, Schopenhauer a compreende, metaforicamente, como uma espécie de pêndulo que transita em movimentos repetitivos, no qual oscila-se entre dor e tédio. De tal modo é explicitado por Schopenhauer, em sua obra *As*

3 O que pressupõe dizer que a existência das coisas depende da capacidade de apreensão do sujeito cognoscente, o que implica dizer: "A matéria não tem existência independente da percepção mental, e a existência e a perceptibilidade são termos conversíveis entre si." (REALE; ANTISSERI, 2005, p. 210).

4 Conforme é descrito por Fernando J.S Monteiro, na obra *10 lições sobre Schopenhauer*: Em última análise, as representações empíricas (múltiplo) transformam-se em representações abstratas (uno). A linearidade da Teoria do Conhecimento em Schopenhauer mostra-se simples: a parte de uma sensação, torna-se uma percepção intuitiva, que já é uma forma de conhecimento, passa pelo entendimento, dá origem à reflexão, para enfim estabelecer conceitos. Os conceitos, portanto, seriam representações de representações. (MONTEIRO, 2014, p. 14)

*dores do Mundo* (1788-1860): “A vida do homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos.” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 34).

Muito embora Schopenhauer tenha atribuído ao seu princípio ontológico um viés negativo, ainda sim aparece afirmando que a Vontade é condição de gerar e movimentar a vida, seja no âmbito orgânico, inorgânico ou até mesmo no plano prático vivencial<sup>5</sup>. Tendo o pressuposto de que Vontade é vida, torna-se explícito o porquê, no pensamento filosófico schopenhaueriano, viver se torna sinônimo de sofrer<sup>6</sup>.

Com isso, é perceptível que Schopenhauer passou a representar o mundo de modo um tanto negativo, quando ressalta, por exemplo, todos os infortúnios que se pôde registrar e narrar durante a história<sup>7</sup>. Sob essa descrição histórica, destaca-se uma condição na qual o indivíduo não escapa às dores do mundo, por se repetirem incessantemente, de geração para geração<sup>8</sup>. E o ser humano, nessa história, não aparece como mera vítima, mas também como aquele que desempenha o papel de colaborador para a intensificação das catástrofes e, por conseguinte, dos sofrimentos<sup>9</sup>.

5 “Trabalho, tormento, desgosto e miséria, tal é sem dúvida durante a vida inteira o quinhão de quase todos os homens. Mas se todos os desejos, apenas formados, fossem imediatamente realizados, com que se preencheria a vida humana, em que se empregaria o tempo? Coloque-se essa raça num país de fadas, onde tudo cresceria espontaneamente, onde as calhandras voariam, já assadas ao alcance de todas as bocas, onde todos encontrariam sem dificuldade a sua amada e a obteriam o mais facilmente possível - ver-se-ia então os homens morrerem de tédio ou enforcar-se, outros disputarem, matarem-se e causarem-se mutuamente mais sofrimento do que a natureza agora lhe impõe. Assim, para semelhante raça, nenhum outro teatro, nenhuma outra existência convirjam.” (SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Trad. José Souza de Oliveira. - São Paulo: Edipro, 2014).

6 De tal modo é exposto em *As Dores do Mundo*: “Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. Quanto mais elevado é o ser, mais sofre... A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida... A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina; uma história natural da dor que se resume assim: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sempre, depois morrer e assim sucessivamente, pelos séculos dos séculos, até que o nosso planeta se faça em bocados.” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 38)

7 “Na vida dos povos, a história só nos aponta guerras e sedições: os anos de paz não passam de curtos intervalos de entreatos, uma vez por acaso. E, da mesma maneira, a vida do homem é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, a miséria ou aborrecimento, mas também contra os outros homens. Em toda parte encontra-se um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão.” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 26)

8 Como é dito por Schopenhauer, em *As Dores do Mundo*: “Alguém que tenha sobrevivido a duas ou três gerações encontra-se na mesma disposição de espírito que um espectador que, sentado numa barraca de saltimbancos na feira, vê as mesmas farsas repetidas duas ou três vezes sem interrupção: é que as coisas estavam calculadas para uma única representação, e já não fazem nenhum efeito, uma vez dissipadas a ilusão e a novidade.” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 27)

9 “Este mundo, campo de carnificina onde entes ansiosos e atormentados vivem devorando-se uns aos outros, onde todo animal carnívoro torna-se o túmulo vivo de tantos outros, e passa a vida numa longa série de martírios, onde a capacidade de sofrer aumenta na proporção da inteligência, e atinge, portanto, no homem o mais elevado grau; este mundo, quiseram os otimistas adaptá-lo ao seu sistema, e apresentá-lo a priori como o melhor dos mundos possíveis. O absurdo é evidente. - Dizem-me para abrir os olhos e fitá-los na beleza do mundo que o sol ilumina, admirar-lhes as montanhas, os vales, as torrentes, as plantas, os animais, que sei eu! Então o mundo é uma lanterna mágica? Certamente que o espetáculo é esplêndido à vista, mas representar aí um papel é outra coisa.” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 37)

A visão de mundo Schopenhaueriana aparenta promover uma espécie de rompimento para com qualquer esperança que possa se revelar duradoura, haja vista ter patenteado uma concepção de mundo que é fundamentada em um princípio irracional que a todo momento deseja, suscitando inquietações e amarguras. Uma das evidências que sustentam a ideia schopenhaueriana de que a vida se traduz - em sua maior parte - em sofrimento, é quando o ser humano não utiliza de mecanismos para suprimir os impulsos da Vontade<sup>10</sup>.

Por vez, na busca de meios para curar-se do que aparenta ser “ferida existencial”, provocadas pela Vontade, Schopenhauer ressaltou a importância do pensamento consciente e busca pelo conhecimento<sup>11</sup>. Além do mais, o “sufocamento” da Vontade seria possível, também, através da contemplação artística, por exemplo, na escultura, na poesia, na música, etc., tornando possível a sublimação dos desejos incessantes, cessando a busca de realizá-los na concretude<sup>12</sup>. Isso seria possível através de uma contemplação estética pura, visando transformar os desejos em ideia. Mas os entes e o mundo são determinados pela Vontade, logo, a tentativa de supressão deste conceito assumiram um papel de paliativo<sup>13</sup>; Schopenhauer, mesmo assim, tenta inibi-la através da “desocupação da Vontade”<sup>14</sup>. Contudo, sendo o próprio ser humano e o mundo determinados pela Vontade, o movimento de suspensão da mesma configura uma oposição a ela, o que ocasionaria em uma nova forma de afirmá-la como essência íntima do mundo<sup>15</sup>.

No mais, o pensamento de Schopenhauer traz consigo a ideia de que o ser humano, enquanto vivo, está condenado ao sofrimento, o que justifica a tentativa schopenhaueriana de

10 Como é o caso, por exemplo, das ações humanas conduzidas pela concretização de desejos - representação da Vontade -, cruéis para com os outros, como Schopenhauer expõe, em “As Dores do Mundo”: “Milhões de homens, reunidos em nações, concorrem para o bem público, procedendo, assim, cada indivíduo em seu próprio interesse; caem, porém, milhares de vítimas para a salvação comum. Uma vez são preconceituosos insensatos, outras, uma política sutil que excita os povos à guerra; urge que o suor e o sangue da grande massa corram em abundância para levar a bom fim as fantasias de alguns, ou para expiar suas faltas.” (SCHOPENHAUER, 2017, p. 33)

11 “Cientes de que a dor e o sofrimento são a essência da vida - representações da Vontade que assim se determina, mas que não está afeita ao intelecto - resta-nos o recurso, declara Schopenhauer, de fazer uso do intelecto, da prerrogativa da razão, para nos impor diante da Vontade com o intuito de suprimi-la, sufocá-la, amainá-la. É a necessidade que se nos impõe.” (MONTEIRO, 2014, p. 39 e 40)

12 “Assim, é na música, mais do que nas demais artes, que Schopenhauer identifica o bálsamo para mitigar os sofrimentos que castigam a existência. Sim, porque as obras de arte, quando conseguem expressar a objectividade da Vontade, ou seja, sua expressão maior, conseguem elevar o ser humano, arrancá-lo de seu encarceramento do mundo como representação - essa fonte de angústias e decepções - e lançá-lo numa dimensão puramente estética.” (MONTEIRO, 2014, p. 43).

13 “Lamentavelmente, Schopenhauer nos alerta de que esta contemplação só é possível numa parcela pequeníssima de tempo; são instantes.” (MONTEIRO, 2014, p. 16).

14 “O tédio é definido por Schopenhauer como ‘vontade desocupada’, isto é, o estado do homem cuja vontade não tem objeto para o qual tender, não tem motivo de desejar, e que sente então ‘o vazio pavoroso’ e ‘o peso intolerável’ de sua existência. ‘a vida, portanto, oscila como um pêndulo de um lado para o outro, do sofrimento ao tédio.’” (BARAQUIN; LAFFITTE, 2007, p. 278)

15 “Mas fica difícil entender como suprimir o desejo, pois o não desejar implica igualmente um outro desejo, que, não satisfeito, traduzir-se-á em sofrer. O desejo não seria ainda a causa primeira do sofrer, portanto, a Vontade, que incita aos desejos, é que tem de ser suprimida.” (MONTEIRO, 2014, p. 44)

apacamento das objetivações da Vontade, podendo-se deduzir como uma necessidade que o filósofo sentiu para suportar os infortúnios derivados de seu princípio ontológico, que permeia e determina a vida, apresentada como uma espécie de “palco”, no qual se apresentam, em maior parte, a dor e ao sofrimento.

## 2 A INFLUÊNCIA DE SCHOPENHAUER NO JOVEM NIETZSCHE

O encontro do jovem Nietzsche com a filosofia de Schopenhauer demarcou um momento importante para o desenvolvimento do seu pensamento filosófico, podendo ser evidenciado, por exemplo, em suas obras iniciais *O Nascimento da Tragédia* (1872) e nas suas *Considerações Extemporâneas* (1873 - 1876), em que uma delas, inclusive, intitula-se *Schopenhauer como Educador* (1874)<sup>16</sup>. O contato inaugural de Nietzsche com o pensamento schopenhaueriano se deu através da leitura de sua obra magna: *O mundo como Vontade e representação* (1818)<sup>17</sup>. Em tal livro Nietzsche se lançou, e com ele aflorou seus pendores de viés estético e trágico, reafirmando seu modo de pensar e agir na vida<sup>18</sup>. Em Schopenhauer ele encontrou um mestre que lhe servisse de exemplo e lhe tirasse da insuficiência do mundo moderno<sup>19</sup>.

O que aparenta justificar a aproximação de Nietzsche à filosofia de Schopenhauer, pode ser evidenciado na obra *O Nascimento da Tragédia* (1872), na qual Nietzsche fala sobre o tema da arte, imerso na influência das ideias de Schopenhauer e Richard Wagner. Dentre os tipos de arte, o que se destaca é a música, a qual Nietzsche atribui o papel de grande relevância para a potencialização dos afetos, aparecendo como cheia de significantes, afetando o ser humano de modo visceral<sup>20</sup>. Conquanto, essa mesma imagem que o jovem Nietzsche pintou de Schopenhauer é reciprocamente o contraponto que o jovem professor de filologia

16 Muito embora, posteriormente, em seu livro autobiográfico, intitulado *Ecce Homo*, Nietzsche venha a dizer que a obra *Schopenhauer como Educador* se tratava de um “Nietzsche como educador”. (NIETZSCHE, 2008, p. 67 - 68).

17 “Em casa me atirei com o tesouro adquirido no canto do sofá e deixei que aquele gênio enérgico e sombrio atuasse em mim. Cada linha nele bramava renúncia, negação, resignação; ali eu via um espelho, em que mirava mundo, vida e o próprio ânimo em grandiosidade pavorosa. Ali eu contemplava o olho solar plenamente desinteressado da arte, ali eu via doença e cura, banimento e lugar de fuga, inferno e céu. O confronto com o pessimismo schopenhaueriano lançou uma nova luz para seu pensamento e existência juvenis, envoltos na melancolia e em obscuros pressentimentos.” (NIETZSCHE apud ARALDI, 2020, p. VII)

18 Em sua juventude, Nietzsche afirmou: “Schopenhauer pode ser um modelo, apesar de todas as cicatrizes e manchas. Sim, poder-se-ia dizer: o que em seu ser era imperfeito e demasiado humano, conduz-nos à sua proximidade, precisamente, no sentido mais humano, pois nós o vemos como sofredor e companheiro de sofrimento, e não somente na altura desdenhosa do gênio.” (NIETZSCHE, 2020, p. 31)

19 “De fato, excedia em desejos quando imaginava que poderia encontrar um verdadeiro filósofo como educador, o qual pudesse arrancar alguém da insuficiência, na medida em que ela reside no tempo, e novamente ensinar a ser simples e honesto, no pensar e no viver, ser extemporâneo, portanto, tomando a palavra no entendimento mais profundo. (NIETZSCHE, 2020, p. 14)

20 “Assim, entendemos a música, segundo a teoria de Schopenhauer, como a linguagem direta da vontade, e sentimos nossa fantasia estimulada a dar forma a esse mundo de espíritos que nos fala, cheio de vida e movimento, embora invisível, e concretizá-lo num exemplo análogo. Por outro lado, imagem e conceito, sob a influência de uma música que verdadeiramente lhes corresponde, adquirem uma significação elevada.” (NIETZSCHE, 2020, p. 91)

teria dificuldades de enfrentar, isto é, tornar Schopenhauer um guia para conduzir o homem moderno em direção ao caminho de amante da vida, e não ser um desertor da mesma<sup>21</sup>.

## 2.1 A RUPTURA DE NIETZSCHE AO PENSAMENTO DE SCHOPENHAUER

A ruptura de Nietzsche ao seu antigo mestre, Schopenhauer, pode ser justificada quando se percebe no autor de *As Dores do Mundo* (1850) a utilização da arte como um meio para afastar o sofrimento - que na linha interpretativa de Nietzsche seria um modo de opor-se à própria vida<sup>22</sup>. Desta maneira, percebe-se que o filósofo do martelo dirige seu olhar crítico contra o tipo de pensamento que de algum modo incitou o aplacamento do que é instintivo - por exemplo, os desejos e as paixões -, mesmo levando em consideração, em alguns momentos, os efeitos prejudiciais ao ser humano<sup>23</sup>. O que fica nítido, é o esforço de Nietzsche em demonstrar que não concorda com a tentativa de erradicar os desejos e as paixões, haja vista suas ligações íntimas que da vida fazem parte, pois configuram o âmbito instintivo e vital do ser humano. À vista disso, “atacar as paixões pela raiz significa atacar a vida pela raiz [...]”. (NIETZSCHE, 2018, p. 27).

De acordo com as concepções filosóficas de Schopenhauer e Nietzsche, os desejos são enfraquecidos quando se chega à idade da “velhice” - podendo ser interpretada como descrição de uma condição fisiológica ou simbólica desse envelhecimento<sup>24</sup>. Para Schopenhauer a caducidade dos desejos aparece como algo venerável, por “anestesiá-lo” o indivíduo, de modo que ele não mais seria submetido à busca incessante. Segundo Nietzsche, é tal condição de insaciabilidade que mantém o ser humano vivo e jovem, quando diz que “Somos fecundos apenas

21 Conforme é ressaltado por Araldi, no início da obra “Schopenhauer como Educador”, diz: “Mesmo depois de ter descoberto o reino da physis transfigurada, e de ter ansiado por uma nova imagem do homem, é um tanto desanimadora a resposta Schopenhaueriana à questão do valor da existência. Sua resposta é a de Empédocles, considerado pelo jovem Nietzsche e por Schopenhauer como um eminente representante do pessimismo antigo, da negação da vontade de viver.” (ARALDI, 2020, p. XIV)

22 “Schopenhauer, o último alemão a ser tomado em consideração (- que é um evento europeu como Goethe, como Hegel, como Heinrich Heine, e não apenas local, ‘nacional’), é um caso de primeira ordem para um psicólogo: a saber, como tentativa maldosamente genial de levar a campo, em favor de uma total depreciação niilista da vida, justamente as contra instâncias, as grandes auto afirmações da ‘vontade de vida’, as formas exuberantes da vida. Ele interpretou sucessivamente a arte, o heroísmo, o gênio, a beleza, a grande compaixão, o conhecimento, a vontade de verdade, a tragédia como manifestações consequentes da negação ou da necessidade de negação da ‘vontade’ - a maior falsificação de moedas psicológica que já houve na história, excetuando-se o cristianismo.” (NIETZSCHE, 2017, p. 61)

23 Em *Crepúsculo dos Ídolos*, no capítulo “Moral como Antinatureza”, Nietzsche chama a atenção para o tipo psicológico daqueles que sentiram a necessidade de erradicar os desejos, ao passo em que destacou a maneira como essas mesmas pessoas não conseguiam impor-se moderação a eles. “A hostilidade radical, a inimizade mortal à sensualidade é um sintoma que faz pensar: justifica especulações sobre o estado geral de alguém tão excessivo.” (NIETZSCHE, 2017, p. 28)

24 “Na velhice, as paixões e os desejos extinguem-se uns após outros, à medida que os objetos dessas paixões tornam-se indiferentes; a sensibilidade diminui, a força na imaginação torna-se sempre mais fraca, as imagens empalidecem, as impressões já não aderem, passam sem deixar vestígios, o dias decorrem cada vez mais rápidos, os acontecimentos perdem a sua importância, tudo se descolore.” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 31)

ao preço de sermos ricos em antagonismos; permanecemos jovens apenas sob a condição de que a alma não relaxe, não busque paz...” (NIETZSCHE, 2017, p. 29).

Destarte, rumando um caminho contrário ao de seu antigo mestre, Nietzsche aparece afirmando os instintos em suas variadas manifestações, podendo ser expressos ou potencializados pela arte. A linguagem artística, seguindo uma interpretação nietzschiana, é capaz de justificar os pormenores da vida em suas intrínsecas condições, por exemplo, a paixão, o desejo, a vontade, os sofrimentos e, também, a alegria. Com isso, em idade de juventude, ao falar sobre a importância da arte para a vida, Nietzsche alavancou discussões sobre o afloramento ou apacramento da vontade, cujo conceito, em sua idade de maturidade, ganha um novo sentido.

## 2.2 UMA NOVA CONCEPÇÃO DE VONTADE: A VONTADE DE POTÊNCIA

Nietzsche, em sua idade de maturidade filosófica, apresentou ao seu leitor uma nova noção de vontade, sendo esta intitulada vontade de potência, responsável por reger a vida em suas ínfimas partes e em sua totalidade<sup>25</sup>. Muito embora o maduro Nietzsche tenha rompido com o pensamento de Schopenhauer, ainda sim pode-se perceber algumas influências que permaneceram, por exemplo, a concordância entre Vontade e vontade de potência se dá por serem forças irracionais que permeiam todas as coisas. Mas a diferença que demarca o momento de ruptura se dá quando Nietzsche propõe a ideia de haver mais de uma força atuante, além disso, elas estariam em um incessante conflito, no movimento de subjugação uma da outra.

Não obstante, influenciado pela filosofia de Heráclito, Nietzsche compreende que na natureza há um conflito entre os entes, em específico, entre forças. Mas é tal condição conflitante que, para o filósofo referenciado, se tornaria possível o processo de geração de um ente, ou seja, a constituição de um organismo constituído através da cópula de forças antagônicas - entendidas como modo de ser da vontade de potência - que efetivam a transformação no plano orgânico, seja macroscópico, referindo-se à relação entre espécies, ou no plano microscópico, referindo-se aos seres minúsculos que compõem os corpos. (MELO NETO, 2017, p.

25 De antemão, cabe ressaltar que Nietzsche, ao propor a ideia de “vontade de potência” não faz uma epistemologia para sustentar sua visão sobre a vida. Pois, em suas diferentes obras, tal filósofo mostra-se um crítico assíduo de qualquer verdade que possa estar amparada sobre o alicerce de uma razão conceitual - entendida como ilimitada, no que diz respeito ao seu suposto alcance do que seria, por exemplo, “a verdade universal”. De tal forma Roberto Machado elucida, na obra “Nietzsche e a Verdade”: “[...] a investigação sobre a verdade é uma crítica da própria ideia de verdade considerada como ‘valor superior’, como ideal; uma crítica, portanto, ao próprio projeto epistemológico.” (MACHADO, 2021. p. 8)

82). Dito isto, a vontade de potência também aparece sob a condição inorgânica, partindo da ideia de que há forças que compõem o cosmos em sua totalidade<sup>26</sup>.

Dado tal pressuposto, percebe-se que o conceito nietzschiano de “vontade de potência” se traduz em múltiplas forças que estão juntas atuando em um movimento de cópula discorde de agregação e desagregação, e é mediante esta condição que a vida se torna possível, pois “a morte de um ente, por exemplo, nada mais seria do que o movimento de desagregação das forças que o compunham.” (MELO NETO, 2017, p. 84). A grande distinção entre o conceito de Vontade em Schopenhauer e vontade de potência em Nietzsche, se dá por este não constituir uma unidade pura, haja vista que é a própria multiplicidade que dá origem à unidade<sup>27</sup>. Por vez, o conceito de Vontade na filosofia de Schopenhauer é apresentado como unidade de viés ontológico com a capacidade de representações múltiplas, enquanto o conceito de vontade de potência aparece sob o critério da multiplicidade e do devir.

### 2.3 A VONTADE DE POTÊNCIA COMO AFIRMAÇÃO DA VIDA

Em sua fase de maturidade, Nietzsche aparece concordando com a relação entre vir-a-ser e dor, podendo ser interpretado por um viés de cunho existencial, que reflete sobre a efemeridade das coisas e do próprio ser humano na vida. Do contrário a Schopenhauer, Nietzsche passa a interpretar a dor como um dos pólos que constituem a vida, de modo que se ela existe, sua antítese - a alegria -, também há de existir. Dessa forma, o sofrimento parece ser encarado por Nietzsche como um desabrochamento para a alegria, que suscita a vontade de vida<sup>28</sup>.

A filosofia da afirmação da vida, tal como é conhecido o pensamento de Nietzsche, demarca uma ruptura com a filosofia schopenhaueriana, quando o autor de *Assim Falou*

26 “Conforme essa teoria, o universo inteiro seria constituído - em suas ‘partes’ mais ínfimas - por forças (ou vontades de potência) em eterno conflito entre si. Teríamos, portanto, um coeso e descomunal aglomerado de forças conflituosas constituindo tudo que há. Toda configuração momentânea do universo seria, então, o resultado dessa relação antagonica de forças. Em outras palavras, no âmbito macroscópico, temos uma luta entre espécies, bandos, indivíduos; no domínio microscópico, teríamos a luta dos minúsculos seres vivos que compõem os corpos; na esfera atômica, a tensão entre moléculas e partículas; mas, na esfera ainda mais ínfima da efetividade, poderíamos reduzir todo esse combate a uma disputa entre forças cósmicas que compõem, em última instância, todos os entes.” (MELO NETO, 2017, p. 82)

27 Conforme explicita João Evangelista, ao interpretar Nietzsche, em sua obra intitulada *10 lições sobre Nietzsche*: “Tendo esse raciocínio em mente, podemos dizer que cada ‘coisa singular’ constituir-se-ia como uma coesão tensa de múltiplas forças agregadas. Nesse sentido, as ‘coisas singulares’ seriam, na verdade, unidades-múltiplas e não unidades puras.” (MELO NETO, 2017, p. 83)

28 “O triunfante dizer Sim à vida, acima da morte e da mudança; a verdadeira vida, como continuação geração mediante a procriação, mediante os mistérios da sexualidade. Para os gregos, então, o símbolo sexual era o símbolo venerável em si, o autêntico sentido profundo no interior da antiga religiosidade. Todo pormenor no ato da procriação, da gravidez, do nascimento despertava os mais elevados e solenes sentimentos. Na doutrina dos mistérios a dor é santificada: ‘as dores da mulher no parto’ santificam a dor em geral - todo vir-a-ser e crescer, tudo o que garante futuro implica dor... Para que haja o eterno prazer da criação, para que a vontade de vida afirme eternamente a si própria, tem de haver também eternamente a ‘dor da mulher que pare’.. A palavra ‘Dionísio’ significa tudo isso: não conheço simbolismo mais elevado que esse simbolismo grego, o das dionisíacas.” (NIETZSCHE, 2017, p. 89)

*Zaratustra (1883-1850)* enxerga no processo natural de gênese e desaparecimento a justificativa para a linguagem simbólica da universalidade dionisíaca<sup>29</sup>. Em contrapartida, a posição de Schopenhauer frente ao processo de surgimento da vida, através do ato de procriação, ganha um sentido negativo, pois configura uma espécie de opressão promovida pela Vontade - entendida como causadora dos infortúnios<sup>30</sup>.

O jovem Nietzsche apreciava em Schopenhauer a seriedade com que este lidava com a existência, pois a contemplava em sua profundidade<sup>31</sup>. Mas a resposta de Schopenhauer à vida por ele representada se mostrou um empecilho para que Nietzsche continuasse sob sua influência. É em sua idade de maturidade, portanto, que seu pensamento ganha mais autonomia e se transforma no oposto à filosofia de Schopenhauer - ou seja, antítese do que o filósofo do martelo chamou de pessimismo, que é retratado como qualquer necessidade de resistência a esta vida, designando a vontade negadora, de “Não” da vida, em vez do “Sim” acolhedor<sup>32</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, Schopenhauer concebe o mundo, enquanto representação, como aquilo determinado por um princípio uno, de ordem imanente, irracional, intitulado Vontade. De

29 “Imagine-se por um instante que o ato da geração não era nem uma necessidade nem uma voluptuosidade, mas um caso de pura reflexão e de razão: a espécie humana subsistiria ainda? Não sentiriam todos bastante piedade pela geração futura para lhe poupar o peso da existência, ou, pelo menos, não hesitariam em impor esse a ela a sangue frio?” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 28)

30 “Pode-se pensar, a partir disso, que tal é um dos motivos pelos quais Schopenhauer tentou exilar-se de uma das determinações da Vontade, a saber, o desejo erótico. Como é explicitado, por exemplo, no capítulo “A metafísica do amor”, da obra *As Dores do Mundo*: “Quando o instinto dos sexos se manifesta na consciência de cada indivíduo de uma maneira vaga, geral e sem determinação precisa, é a vontade de viver absoluta, fora de todo o fenômeno, que surge. Quando num ser consciente o instinto do amor se especializa num determinado indivíduo, é essa mesma vontade que aspira a viver num ente novo e distinto, exatamente determinado. E, nesse caso, o instinto do amor todo subjetivo dá ilusão à consciência, e sabe muito bem cobrir-se com a máscara de uma admiração objetiva, porque a natureza carece desse estratagema para atingir os seus fins. Por muito desinteressada e ideal que possa parecer a admiração por uma pessoa amada, o alvo final é na realidade a criação de um novo ser, determinado na sua natureza: prova-o o fato de o amor não se contentar com um sentimento recíproco, mas, exigir a posse, o essencial, isto é, o gozo físico.” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 45)

31 Tal elogio a Schopenhauer está presente na obra *Schopenhauer como Educador*, na qual apresenta o encontro que Nietzsche teve com Richard Wagner, quando disse: “Sou grato ao senhor e a Schopenhauer, por ter permanecido fiel à seriedade que distingue a concepção de vida germânica, à contemplação profunda dessa existência tão grave e tão repleta de enigmas.” (NIETZSCHE apud ARALDI, 2020, p. VIII)

32 Indo de encontro à maneira como Schopenhauer lidava com a vida, Nietzsche, em sua maturidade, proclama: “O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos - a isso chamei dionisíaco, nisso vislumbrei a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigo afeto mediante sua veemente descarga - assim o compreendeu Aristóteles -: mas para, além do pavor e da compaixão, ser em si mesmo o eterno prazer do vir-a-ser - esse prazer que traz em si mesmo o prazer no destruir... E com isso toco novamente no ponto do qual uma vez parti - o Nascimento da tragédia foi minha primeira transvaloração de todos os valores: com isso estou de volta ao terreno em que medra meu querer, meu saber - eu, o último discípulo do filósofo Dionísio - eu, o mestre do eterno retorno...” (NIETZSCHE, 2017, p. 90)

modo parecido, Nietzsche afirma que todo organismo vivo é resultante de um processo que não corresponde uma causalidade racional, tampouco é transcendente, trata-se da vontade de potência, entendida como um conjunto de forças antagônicas que estão se copulando. Em termos conceituais, a divergência entre a concepção de Schopenhauer e Nietzsche, diz respeito ao caráter uno da vontade e a apropriação desse conceito que Nietzsche parece ter feito, porém, atribuindo a ele a condição de multiplicidade, de modo que o contraste entre esta nova concepção de vontade com a de Schopenhauer, aparece sob a forma de afirmação da vida. E, junto ao conceito nietzschiano, a arte também assume o papel de “seduzir” para esta vida, não tentando extinguir as dores, mas dar um novo sentido a elas: a alegria na tragicidade.

## REFERÊNCIAS

- MELO NETO, João Evangelista Tude de. *10 lições sobre Nietzsche*. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. - (Coleção 10 lições).
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. 4.ed. - Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- MONTEIRO, Fernando. *10 lições sobre Schopenhauer*. 2.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. - (Coleção 10 lições).
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. 1.ed. Trad. Notas e Pós-fácio Paulo César de Souza. São Paulos: Companhia de Bolso, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como educador*. Trad. Apresentação e notas Clademir Luís Araldi. - São Paulo Editora WMF Martins Fontes, 2020.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Trad. José Souza de Oliveira. - São Paulo: Edipro, 2014.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*: Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.